



DOMINGOS VANDELLI

UMA LUZ TRANSNATURAL DO ILUMINISMO

por

Eduardo Proença-Mamede

Falar nos nossos dias no que foi o Dr. Domenico Agostino Vandelli será como mencionarmos o que foi para a Ciência Albert Einstein em meados do século passado. Nascido em Pádua, a 8 de Julho de 1735, filho do médico Giuseppe Vandelli, na universidade da sua cidade natal, criará as bases culturais que o guiarão em toda a sua vida. Como era hábito ao tempo, tira o mesmo curso de seu pai, mas captará a sua atenção os novos ramos dos saberes de então, em perpétuo e contínuo estado de descobrimento. A Mineralogia, a Botânica, as Ciências Naturais tidas e havidas como saberes transnaturais, misto de bruxedo e magia para os olhos da sociedade de então, serão a obcecação e o fascínio que conduzirão Domingos Vandelli a uma constante peregrinação na vida em busca das profundezas das mesmas.

Inserido numa sociedade de grupos e arcádias, Vandelli não só é membro activo e dinâmico, como, com o génio do seu saber, inaugura outros grupos, inicia outras pesquisas, incrementa outras excursões ao “Mundo Novo”, procurando novas plantas, novos minerais, “novidades” do novo e do velho mundo vistos à luz dos olhos do Homem do Iluminismo. A sua colecção de fósseis revela essa preocupação com o passado; a tentativa de guardar novos animais em frascos de vidro revela a preocupação em guardar o presente, tudo com o fito de preencher a lacuna do desconhecimento para que os futuros tenham em suas mãos o saber material e palpável das coisas.

Mas como aparece este Domingos Vandelli em Portugal?

Diz-nos Jácome Ratton, nas suas “Recordações” que, partindo o professor Falier para Génova, em Maio de 1765, abriu portas o Real Colégio dos Nobres em Lisboa com “os professores Doutor Miguel Franzini, para as Ciências mathemáticas, o abade Tallier, para a Physica experimental, o Doutor Vandelli, para a História natural, e chymica, escolhidos

todos pelo Abbade Faciolati” (sic). Ao que parece, nem o Real Colégio do Nobres foi tão bom, nem tão completo.

A verdade dos factos é que, após o terramoto de 1755, Vandelli foi o criador do Jardim Botânico do Palácio do Monteiro-Mor, hoje Museu do Traje, designado logo de seguida como delineador e dirigente do Real Jardim Botânico da Ajuda, em Lisboa, anexo da célebre “Barraca Real” em que teve início o Palácio do mesmo nome.

Mas a documentação sobre Vandelli prolifera com a Renovação ou Reforma da Universidade de Coimbra, entre 1772 e 1775, tendo obtido a sua “borla e capelo” em Medicina e Filosofia pelas mãos do onnipotente Marquês de Pombal na Sala dos Capelos desta Casa, frente a um secular e balofo corpo docente que foi sujeito a um exame para comprovação dos seu saber e estado académico. Foi a 11 de Setembro de 1772 que tal teve lugar e é então que o 1º Ministro Conde de Oeiras o encarrega de fundar e dirigir o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, ficando á sua disposição a cerca do mosteiro de S. Bento, esta Casa em que nos encontramos agora. Obtendo completa cumplicidade com o Bispo Reformador, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, a Vandelli se deverá toda a estrutura do actual Jardim e a sua divisão entre jardim público e mata, acompanhando todo o vale e culminando na Ínsua dos Bentos, junto ao Mondego. Lugar privilegiado onde desde o solo soalheiro e arejado contrasta com o húmido e sombrio junto ao rio, próprio para todo o tipo de flora.

Em Coimbra, Domingos Vandelli instala-se numa casa na rua da Calçada, actual rua Ferreira Borges, casarão pombalino de três andares, onde, nos baixos, durante o século XX funcionou um café que ostentava pomposamente um nome relacionado com o seu antigo dono: “Arcádia”. Aí lhe nasceram várias filhas sendo baptizadas no “Oratório da Caza de seu pae”, como os párocos de S. Bartolomeu registavam nos livros de baptismos da mesma freguesia.

A ele se deve toda a orientação da construção da Faculdade de Ciências no largo Marquês de Pombal, em grande parte do Colégio das 11.000 Virgens dos padres jesuítas, bem confiscado à Companhia de Jesus por Sebastião José de Carvalho e Melo em 1759. Curiosamente, no frontão triangular que remata a fachada se encontra o único baixo-relevo de um conimbricense ilustre muito esquecido: Joaquim Machado de Castro. É essa construção que guarda as suas colecções de fósseis, de corpos em tubos de vidro em álcool ou formol, de animais empalhados e preservados como últimos elementos de raças e castas. Nunca se esquivando a despesas para manutenção e exposição das suas valiosas colecções, ordena a feitura de quatro grandes expositores com vidros côncavos que um

conservador do British Museum, há uns dez anos, afirmou que se em Londres tal houvesse, justificar-se-ia só uma sala para os expor.

Mas as Ciências eram pouco para um Homem de tal dimensão, para um Botânico tão ilustre que se correspondera com Lineu e que este havia dado o nome a uma planta nova: a *Vandellia*, em 1767. Pensou num terreno vazio de construções e mandou erguer o Laboratório Chymico, jóia da arquitectura pombalina e sede de saber nesse campo, tendo sido nele feita toda a pólvora necessária para defender Coimbra dos franceses, quando Junot decidiu fazer uma pequena “excursão” de tropas às nossas terras. Foi o Dr. Tomé Sobral que tudo dirigiu, manipulando o necessário para enviar bonitos “cartões de visita” aos gauleses excursionistas.

Mas o infatigável Vandelli não parava. As construções surgiam; as plantas cresciam nos seus Jardins Botânicos, no de Coimbra e no de Lisboa; a família crescia e as suas ambições intelectuais também. Ouvia o Bispo-Conde de Coimbra falar das suas terras no Brasil, no seu engenho de Marapicu, na freguesia de Santo António de Jacotinga. Aquele Brasil imenso e por descobrir fascinava-o! Vai daí prepara um grupo de alunos seus mais abalizados para uma “Viagem Filosófica”, capitaneados por Alexandre Rodrigues Ferreira, em várias capitanias da Amazónia e Cuiábá. Partem aquelas almas para a Amazónia, desenhando animais novos, gente diferente, seleccionando plantas novas do Novo Mundo. Durante vários anos vivem perdidos nas matas, recolhendo tudo o que podiam e trazendo para Coimbra um número considerável de recordações que darão início ao Museu de Antropologia...em 1911.

Em 1788, Vandelli publica em Coimbra o “Diccionario dos termos técnicos de história natural extrahidas das obras de Lineu”, bem como “*Florae lusitanicae et brasiliensis specimen*”. No ano seguinte imprime-se em Lisboa “*Viridarium Grisley lusitanicum Linnaeanis*”. Além disto, não cessa de escrever numerosas memórias. Nesse mesmo ano de 1788, Félix do Avelar Brotero emigrou para França, tendo-se formado na universidade de Reims e tendo privado com Jussieu Cuvier e Lamark. O segundo director do Jardim Botânico de Coimbra mantinha-se fiel aos seus princípios revolucionários. Vandelli tinha mais em que pensar!

Em Coimbra, Vandelli deparou-se com uma secular tradição de oleiros na parte baixa da cidade. Até as margens entre o Cais das Ameias e o Cais do Arnado se chamava Cais dos Oleiros, precisamente ao fundo da rua dos mesmos, depois pomposamente chamada rua Bordalo Pinheiro. Mas as olarias eram primitivas apesar do afã que grassava no local. Coimbra cobria-se de azulejos azuis e brancos e raramente se usavam outras

cores. A Sé Velha estava coberta de azulejos mudejâres que o Bispo-Conde D. Jorge de Almeida encomendara em Sevilha em 1507, mas as demais igrejas eram cobertas com azulejos sempre iguais. Então, compra uns terrenos ao Rossio de Santa Clara, entre as ruínas da velha igreja de Santa Clara e a Real Fábrica das Cordas, que D. João IV lá fundara em meados do século XVII. E em 1780 funda uma fábrica de louça com as notas e as directrizes que lhe dava o seu amigo Brioso, dirigente da Real Fábrica do Rato, em Lisboa. E a Universidade de Coimbra cobre-se com azulejos da Fábrica Vandelli, enquanto louça de *Bandelli / Vandelles* circula em forma de pratos, jarros, areeiros, coisas utilitárias para o dia a dia, com “design” peculiar e decoração que é uma mistura de tudo. E rompe-se com o azul e branco; usa-se o verde, o sépia, o amarelo. Só que um fogo vem pôr fim á fábrica, pelo ano de 1810. Nada mais foi reconstruído e só em 1940 outro grande vulto nacional, o Dr. Fernando Bissaya Barreto, agarra no terreno e nele constrói o “Portugal dos Pequenitos”, modo singular e inovador de dar a conhecer o mundo aos mais pequenos, quer o mundo nacional, como o Mundo inteiro. Sempre Vandelli a zelar pelos seus lugares transnaturais!

Em 1807, a Família Real parte para o Brasil e com eles todos vão. Alunos e discípulos de Vandelli também. Quando o Rei arriba ao Rio de Janeiro decide ficar por ali, sítio quase despovoado e desprovido de todas as condições para se estabelecer uma cidade. É preciso um Jardim Botânico e são os seus discípulos que lhe pedem notas, que vasculham os papéis de Alexandre Marques Ferreira. O Rei dá as terras que antes serviam como fábrica da pólvora do local e Vandelli, vendo o “seu” Laboratório Químico transformado em fábrica da pólvora contra os franceses, por força tinha que se empenhar na criação do Real Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Mas Domingos Vandelli estava “preso” entre a sua casa de Coimbra e a sua casa de Lisboa. A fábrica de Coimbra fornecia-lhe o suficiente para comer e vem para cá. Ser um protegido do Rei e não ter ido com os demais é motivo de suspeita. O povo enche a boca que “o homem era afrancesado”. Pedras partem-lhe os vidros da sua casa da Calçada e a lei entra portas dentro e levam Vandelli para a cadeia do Aljube, á Portagem. Na sua casa encontram muitos livros em francês, crime grave nesses conturbados anos. Em 1811 é deportado para a Ilha Terceira. Os governantes não percebem a razão daquela prisão e concedem-lhe a benesse de poder refugiar-se em Inglaterra. Mas já não é mais o Vandelli do século XVIII; é um Vandelli com 70 anos, cansado, velho, gasto. Em 1815 é-lhe permitido regressar a Portugal e volta a Lisboa. Mas os frios de Inglaterra acabaram com o seu corpo, minaram-lhe os ossos e desembarca na capital bastante mal.

Dizem alguns que Domingos Vandelli já não estava bom do juízo no final da vida. Tendo em conta os velhos papéis, encontrou-se um bem singular: "Limpeza da Cidade - Domingos Vandelli Conselhos de Vandelli ao Príncipe Regente", a enviar para o Príncipe Regente para o Brasil. Tudo parece que terá sido o seu filho, Alexandre António Vandelli, guarda-mór dos Estabelecimentos da Academia Real das Ciências, nascido em Lisboa em 1784 e falecido no Rio de Janeiro em 1859, que terá feito estas anotações e junto aos demais da Academia que seu Pai fizera parte. Vandelli sempre embirrara com o lixo e Lisboa estava cheia dele!

O Dr. Domingos Vandelli encontrou a sua morte na sua casa de Lisboa no dia 27 de Junho de 1816. Entrava o Verão e era um velho que embirrava com o esterco, tentando dizer ao Rei, no Brasil, como deveria mandar limpar a sua capital. Mas as instruções não chegaram ao destino e, enterrado o homem, ninguém mais se lembrou de, ao menos, limpar o seu nome, lavar-lhe a cara.

Muito pouco está escrito sobre Domingos Vandelli. Há uma rua em Coimbra com o seu nome, rua que é chamada ou do Seminário Maior, ou do Hospital Militar. Rua estranha, sem casas, com uma escola de um lado e um hospital do outro. Às pontas o enorme portão do Seminário e o portão do Jardim Botânico. E quem quer saber mais sobre Vandelli tem que ir ao Rio de Janeiro ou a Pádua. Há cerca de 20 anos escrevi umas crónicas sobre ele nos jornais "O Despertar" e "Diário de Coimbra". O tema suscitou alguns interesses. Mas a coisa morreu.

Pedi-me agora o Paulo Bernaschina que dissesse algo sobre a sua vida, sobre a sua obra e eu, vendo tão pesado fardo sobre mim, respondi-lhe de uma das vezes:

"-Olhe que o Homem já morreu!". Mas o certo é que continua a pesar-nos que NADA tenha sido feito que dignifique tão grande Personagem da nossa Cultura, homem de tantas técnicas e tecnologias novas no mundo velho que era o Portugal da segunda metade do século XVIII.

Que alguém saiba nos nossos dias recordar o Dr. Domingos Agostinho Vandelli, se é necessário recordar Aquele que o Mundo foi pequeno para tanto Saber e Erudição. Pelo menos, a Limpeza da Cidade está por fazer!

Tenho dito!